

LITERATURA E VIOLÊNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Ívens Matozo SILVA¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

ivens_matozo@hotmail.com

Resumo: A representação da violência tem sido um tema constantemente explorado em variadas produções literárias, convertendo-se, portanto, em um objeto de discussão e investigação de diferentes estudos críticos e historiográficos. Tendo em vista o destaque atribuído ao assunto, tornar-se-ia interessante a realização de pesquisas que tivessem como foco demonstrar o que vem sendo dito acerca da relação entre a violência e a ficção brasileira do século XXI. Considerando isso, o presente artigo possui o objetivo de analisar, por meio de uma reflexão teórico-crítica, a figuração dessa temática no atual contexto literário brasileiro. Mais especificamente, a pesquisa busca identificar quem são e em que local de produção estão os autores mais representativos do assunto; verificar qual cânone está sendo estabelecido; perceber as formas, características e subtemas explorados nas obras; e, por fim, listar outras obras literárias que igualmente exploram a violência como recurso estético-formal em seus enredos. Para tanto, elegemos como aporte teórico as reflexões prestadas por Beatriz Rezende (2008) e Karl Eric Schollhammer (2009).

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Representação. Violência.

LITERATURE AND VIOLENCE: CONSIDERATIONS ON CONTEMPORARY BRAZILIAN FICTION

Abstract: Violence representation has been a theme widely explored in many literary productions and has also turned into an object of a fairly large number of debates and research in the last few decades. Considering the attention given to that subject-matter, it would seem to deserve a full treatment, taking into consideration what scholars have recently been arguing on that account. In light of this, the present paper aims at analyzing, through a critical and theoretical perspective, the portrayal of violence in the contemporary Brazilian Literature. More precisely, the goal is to identify the authors which explore the theme and to detect the place they live in, as well as to highlight what literary canon is being formed; to examine the forms, features and subthemes that emerge from fictions and, finally, to offer an overview of existing productions which deal with violence as an aesthetic practice and a critical tool. To do so, the study is drawn on the insights provided by Beatriz Rezende (2008) and Karl Eric Schollhammer (2009).

Keywords: Contemporary Brazilian Literature. Representation. Violence.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CNPq.

1 Considerações iniciais

A violência sempre se fez presente na vida cultural humana. Observada sob uma miríade de formas e intensidades, ela coloca em destaque as diversificadas relações de poder, dominação e subordinação que configuram a condição humana em suas práticas sociais. Os debates sobre a temática da violência passaram a ganhar maior visibilidade a partir dos primeiros decênios do século XX, o qual representou um momento fundamental na história. A presença de grandes eventos traumáticos, tais como a culminância das duas Grandes Guerras e a presença de regimes ditatoriais, apenas para citar alguns exemplos, constituem referências de desumanização que marcaram, indelevelmente, o referido século.

Nessa perspectiva, se tais acontecimentos foram decisivos para que estudiosos viessem a caracterizar tal período como a “Era dos Extremos” (HOBSBAWN, 1995) ou a “Era das Catástrofes” (CARUTH, 1995), esse cenário volta a se concretizar, porém em menor intensidade, nesses primeiros anos do século XXI. Diversificados relatos de ações violentas povoam, cada vez mais, os meios de comunicação e impõem sobre os cidadãos um sentimento de perplexidade e medo constante. Assim, se, por um lado, observamos a configuração de uma visão de mundo em que a opressão e a crueldade norteiam as relações intersubjetivas; por outro, inúmeros escritores, bastante sensíveis ao choque provocado pelos problemas contemporâneos, não deixam de percebê-los com a urgência de dramatizá-los. Por conseguinte, a literatura passou a colocar em circulação uma diversidade de narrativas, posicionando, em primeiro plano, a violência como um elemento intrínseco da criação literária.

Esse é o caso da ficção brasileira contemporânea. A representação da violência tem sido uma temática constantemente explorada em variadas produções literárias, convertendo-se, assim, em um objeto de discussão e investigação de diferentes estudos críticos e historiográficos. Tendo em vista o destaque atribuído ao tema, tornar-se-ia interessante a realização de pesquisas que tivessem como foco demonstrar o que vem sendo dito acerca da relação entre a violência e a ficção brasileira do século XXI.

Considerando isso, o presente trabalho possui o objetivo de analisar, por meio de uma reflexão teórico-crítica, a figuração dessa temática no atual contexto literário brasileiro. Mais especificamente, a pesquisa busca identificar quem são e em que local de

produção estão os autores mais representativos do assunto; verificar qual cânone está sendo estabelecido; perceber as formas, características e subtemas explorados nas obras; e, por fim, apresentar outras obras literárias que igualmente exploram a violência como recurso estético-formal em seus enredos. Para tanto, elegemos como aporte teórico as reflexões prestadas por Beatriz Rezende (2008) e Karl Eric Schollhammer (2009).

Para melhor compreendermos as reflexões da pesquisadora Beatriz Resende acerca da transposição da violência para o meio literário, torna-se interessante, primeiramente, olharmos para as constatações que a autora faz ao se debruçar sobre as obras produzidas entre a metade dos anos 1990 e a primeira década do século XXI. Por meio desse mergulho no seu trabalho, será possível justificarmos os motivos que a levaram a selecionar as obras que, para ela, seriam representativas da exploração da temática.

Segundo Resende, a prosa de ficção brasileira contemporânea apresenta três características importantes: a fertilidade, a qualidade e a multiplicidade. No que diz respeito à fertilidade, a pesquisadora assinala que o cenário literário atual passa por um momento positivo. Vivemos, de acordo com a autora, em um momento em que se publica muito, novas editoras são abertas, comenta-se e consome-se muitos livros e, principalmente, é perceptível a inclusão de novas vozes, tais como a das pessoas da periferia, que anteriormente estavam afastadas do âmbito literário. No que tange à qualidade, Resende afirma que as produções contemporâneas, ao contrário do que se poderia esperar, possuem uma ótima qualidade. Além disso, verifica-se a presença de obras com um cuidadoso trabalho com o uso da linguagem e diálogos intertextuais com a tradição literária.

A terceira característica explorada pela autora é a multiplicidade. Como o próprio nome já assinala, Resende discute que as narrativas atuais expressam um pluralismo tanto de temáticas quanto de recursos formais e estéticos. Aliás, ela atenta para a ampliação dos locais de produção das obras. Além de escritores do eixo Rio-São Paulo, Resende igualmente cita autores de outras cidades, regiões e estados, como é o caso das capitais Curitiba e Florianópolis, das regiões do Centro-Oeste e Nordeste e do estado do Pará. Todavia, nesse cenário plural, diverso e descentralizado da produção contemporânea, a pesquisadora pontua três características ou questões que se sobressaem: a presentificação, o retorno do trágico e a violência nas grandes cidades (o foco do nosso estudo).

A presentificação pode ser compreendida como o predomínio de um olhar atento sobre o tempo e o espaço presente. Apresentar o “aqui” e o “agora” surge como algo impositivo na maioria das obras. Nas palavras da autora:

Há, na maioria dos textos, a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente que contrasta com um momento anterior, de valorização da história e do passado [...] O que interessa, sobretudo, são o tempo e o espaço presentes, apresentados com a urgência que acompanha a convivência com o intolerável (RESENDE, 2008, p. 27).

Da presentificação, a autora pontua o retorno do trágico como uma segunda característica que se sobressai na multiplicidade da ficção contemporânea. O trágico, que nos remete, imediatamente, à *Poética*, de Aristóteles, ganha novos contornos. Aqui, na compreensão do presente, narram-se também o caráter trágico e a tragédia dos moradores das grandes cidades. Consoante a autora: “[...] o paradoxo trágico se constrói entre a busca de alguma forma de esperança e a inexorabilidade trágica da vida cotidiana que segue em convívio tão próximo com a morte” (Ibid., p. 31).

Os apontamentos acima apresentados servem como pré-requisitos para a compreensão da figuração da violência nas grandes cidades, o terceiro e último tópico analisado pela estudiosa no que tange à multiplicidade da ficção. Analisemos o seguinte excerto:

Em torno da questão da violência aparecem a urgência da presentificação e a dominância do trágico, em angústia recorrente, com a inserção do autor contemporâneo na grande cidade, na metrópole imersa numa realidade temporal de trocas tão globais quanto barbaramente desiguais (Ibid., p. 33).

Conforme vemos, com a fertilidade e a multiplicidade da ficção atual, um novo público e novas temáticas ganham espaço. Sujeitos anteriormente excluídos do circuito literário, como moradores das periferias e presidiários, ao escreverem sobre a sua compreensão do presente, utilizam suas próprias vivências de mundo como fonte interpretativa para a elaboração das suas ficções. Por conseguinte, o local de fala do

escritor ou o seu “olhar de dentro” configura-se como um dos pilares da escrita da violência. Interessante observarmos que Resende, ao lançar um olhar sobre as obras desses escritores, pontua que, ao apresentarem produções híbridas e bem trabalhadas artisticamente, elas objetivam estabelecer um ambiente de diálogo com o seu receptor, criando-se, assim, uma literatura altamente crítica e política.

Nesse prisma, dentre os escritores e obras representativas dessa tendência, Resende destaca *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, *O matador* (1997), de Patrícia Melo, *Capão pecado* (2000) e *Manual prático do ódio* (2003), de Ferréz, e rapidamente cita *Memórias de um sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes, e *Letras de liberdade* (2000), escrito por presos do Carandiru. Logo, a seleção da pesquisadora chama a atenção por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, com exceção de Patrícia Melo, todos os autores acima citados são integrantes do novo perfil de escritores, a voz das minorias, discutido pela estudiosa ao longo do seu texto. Todavia, é possível ver que, embora ela frise constantemente as características da multiplicidade e da fertilidade da ficção contemporânea, Resende não traz para o centro da sua discussão produções de outras regiões do país, delimitando-se, dessa forma, apenas aos escritores do eixo Rio-São Paulo.

Aliás, a autora igualmente falha ao não se ater, mesmo que minimamente, à análise das características estético-formais das obras acima descritas. Por mais que a autora tenha direcionado sua atenção para obra de Paulo Lins, o qual foi um grande divisor de águas para a temática, fatores que diferem as outras produções da obra *Inferno* (2000), de Patrícia Melo, que é fortemente criticada pela autora por tentar narrar realisticamente um contexto não familiar à escritora, não são apresentados. Assim, cabe ao leitor procurar identificar as especificidades de cada narrativa citada por Resende e tirar as suas próprias conclusões. Falha que não ocorre, por exemplo, no apurado estudo da ficção brasileira contemporânea de Karl Erik Schollhammer.

Em perspectiva semelhante à de Beatriz Resende, que destaca a presentificação como uma das marcas da contemporaneidade, Schollhammer discute a tendência dos escritores atuais de tentar capturar urgentemente a realidade presente conturbada, mesmo eles tendo plena consciência da sua impossibilidade. Segundo o autor, é possível afirmar que há um “novo realismo”, o qual em nada se assemelha àquele dos fins do século XIX, sendo constantemente trabalhado nas narrativas. Consoante o autor:

O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10).

Ao longo da sua reflexão, o estudioso pontua uma série de fatores que podem interferir na eficiência estilística da literatura. A presença performativa do escritor, o uso das novas tecnologias como meio de divulgação de escrita, a recorrência de produções artísticas curtas, com estruturas complexas e fragmentadas são alguns pontos discutidos pelo autor. No entanto, é perceptível que Schollhammer repetidamente destaca a reinvenção ou atualização do realismo literário dos escritores que se dedicam a lidar com os variados problemas sociais e culturais do seu tempo, tais como o mundo do crime, a violência, a corrupção e a miséria. Ou seja, para tratar de temas complexos, os autores contemporâneos também utilizam recursos estético-formais complexos e impactantes.

Na mesma linha de pensamento, as produções atuais, segundo o autor, poderiam ser subdivididas em duas estéticas que constantemente se entrecruzam: a “brutalidade do realismo marginal” e a “graça dos universos íntimos e sensíveis”. Ademais, o estudioso frisa que ainda é possível observar produções literárias que se focam em experiências relacionadas à linguagem e ao estilo, bem como produções que optam por apresentar narrativas tradicionais. Na concepção do autor, longe de apresentarem polos antagônicos, essas tendências podem facilmente mesclarem-se nas obras que se ocupam de representar o irrepresentável. Segundo o autor:

A literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico (Ibid., p. 15).

Após esse primeiro olhar sobre o território literário atual, uma observação deve ser feita. Embora o texto de Karl Schollhammer nos apresente um vasto repertório de autores e obras que apontam os momentos de cortes e continuidades na prosa de ficção contemporânea, desde os anos 1960 até a primeira década do século XXI, como estamos propondo uma leitura em conjunto com o texto de Beatriz Resende, a qual verificou algumas constantes dominantes na narrativa brasileira a partir da metade dos anos 1990,

passamos, agora, às considerações de Schollhammer a respeito da caracterização dos autores ligados à representação da violência na “Geração 90” e na “00”.

A respeito da temática, o estudioso cita dois autores que já apareceram na lista de Beatriz Resende. O primeiro deles é a escritora Patrícia Melo, considerada pelo autor como: “a mais fiel herdeira da prosa *brutalista* de Rubem Fonseca” (Ibid., p. 42, grifos do autor). Seus romances *O matador* (1997), *Inferno* (2000) – que não recebem comentários críticos, como observado no texto de Resende – e *Mundo perdido* (2007) são apontados como exemplos da temática. Aliás, se, por um lado, no texto de Resende fica a critério do leitor procurar as características das obras, essa falha não se repete no texto de Schollhammer. O estudioso atentamente descreve as protagonistas, apresenta os seus enredos e tipo de narrador, bem como acentua as qualidades técnicas dos romances, tais como a habilidade de escrita da escritora, a agilidade do texto e a composição da narrativa.

Além de Patrícia Melo, o crítico literário também cita o romance *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, seguindo, portanto, a mesma linha de raciocínio de Resende. Após elencar os pontos positivos e negativos que fazem com que o romance de Lins figure entre os representantes da temática da violência – a transposição da realidade de maneira comovente e literariamente trabalhada, mas, em contrapartida, a presença de personagens que parecem presos em papéis previsíveis – Schollhammer tece seu posicionamento sobre os dois escritores.

Embora ele não toque diretamente na importância do lugar de fala dos dois autores, fato que é bem frisado por Beatriz Resende, ele lança um comentário, um tanto irônico, ao comparar o conteúdo exposto nas produções de Patrícia Melo com o livro de Paulo Lins. Nas palavras do autor, se, por um lado, “Patrícia Melo só pisou numa favela pela primeira vez depois de ter escrito 20 capítulos de *Inferno*, Paulo Lins nasceu e morou a maior parte da sua vida no conjunto habitacional Cidade de Deus” (Ibid., p. 44-45). Logo, o autor deixa em aberto um polêmico questionamento: no meio literário, pode-se narrar tudo?; quem tem o direito ou a propriedade de fala na literatura?.

A propósito, outro dado interessante a ser analisado é o local de produção dos autores selecionados pelo estudioso. Da mesma forma que Resende, Schollhammer igualmente elenca como representantes da temática da violência escritores oriundos do eixo Rio-São Paulo, não citando, portanto, produções literárias de outros espaços nacionais.

Ao lançarmos um olhar para as produções literárias contemporâneas que igualmente exploram a violência, vemos que, além de ela ser uma das principais marcas do nosso tempo, ela se faz presente em diversas obras. São textos que, ao explorarem tanto a violência física quanto a psicológica, apresentam uma linguagem fria, permeada de fragmentações e que “violentam” uma ideia de linearidade e coerência. Tais características podem ser aproximadas das considerações elaboradas por Theodor Adorno (1988) em seu livro *Teoria Estética*.

O pensador germânico, ao discutir as condições de produção e recepção das artes do século XX, apresenta uma reflexão sobre a impossibilidade de dissociação dos campos estéticos, éticos e políticos. Desse modo, Adorno propõe uma discussão acerca dos vínculos que existiriam entre a violência a que a sociedade esteve submetida e as produções culturais. Consoante o crítico, a escolha pela representação de eventos traumáticos, no processo de elaboração das narrativas, não deve formular-se só no nível temático, mas no âmbito formal. Nas palavras do autor:

A forma é mediação enquanto relação das partes entre si e com o todo e enquanto plena elaboração dos pormenores. [...] A forma procura fazer falar o pormenor através do todo. Tal é, porém, a melancolia da forma [...] Isto confirma o trabalho artístico do formar que incessantemente seleciona, amputa e renuncia: nenhuma forma sem recusa (ADORNO, 1988, p. 166).

Desse modo, o estudioso acentua a interdependência entre a forma e o conteúdo expressos nas produções artísticas, bem como entre o texto literário e o contexto social com o qual os escritores estariam em contato. Embora Adorno tenha se debruçado sobre o contexto do século passado, suas reflexões ajudam-nos a pensar as produções literárias brasileiras contemporâneas e a representação do mundo embrutecido criado via linguagem.

Realizando um recorte arriscadamente sintético e sem a pretensão de apresentar um panorama minucioso e denso sobre as obras que abordam o tema da violência, passamos, agora, a apresentar algumas ficções que exploram o assunto como recurso estético-formal em seus fios narrativos. Para iniciar, podemos citar a coletânea de contos intitulada *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (2006), organizada pelo escritor Rinaldo de Fernandes. Nessa obra, o organizador procura reunir

autores de diferentes partes do país que se dedicaram à temática. Em um total de 47 contos, o livro apresenta uma mescla entre escritores já considerados clássicos e nomes emergentes, como é o caso de Marçal Aquino, Nelson de Oliveira, Marcelino Freire, Joca Reiners Terron, Fernando Bonassi, Marcelo Coelho, Cíntia Moscovich, Maria Alzira Brum Lemos, Marília Arnaud, Tércia Montenegro, entre outros.

Além disso, Rinaldo de Fernandes também dedica atenção especial ao tema em vários contos de sua autoria. As narrativas “Ilhado”, “O perfume de Roberta”, “Você não quis um poeta”, “Professor de Piano” e “Oferta”, apenas para citar alguns exemplos presentes nos livros *O perfume de Roberta* (2005) e *O professor de Piano* (2008) exploram, de diferentes formas, a visão de Fernandes sobre o tema.

Ainda no terreno da contística, encontramos *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo. A autora aborda, ao longo dos quinze contos que compõem a obra, a violência, a opressão, o preconceito e a miséria do cotidiano de personagens afrodescendentes, os quais, em sua grande maioria, são do sexo feminino. Marina Colasanti, em sua coletânea *Um espinho de marfim e outras histórias* (1999), mais especificamente em “Porém Igualmente”, “Para que ninguém a quisesse” e em “A moça tecelã”, traz para o centro de discussão a violência contra a mulher. Na mesma esteira, encontramos *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins. Aqui, o escritor reúne treze narrativas que problematizam as vicissitudes enfrentadas por distintos personagens moradores de favelas do Rio de Janeiro.

Passamos, agora, nosso foco de atenção para o território dos romances. Um nome que vem ganhando cada vez mais espaço no meio literário é o do escritor paraense Edyr Augusto Proença. Autor dos romances *Os Éguas* (1998), *Moscow* (2001), *Casa de Caba* (2004), *Selva concreta* (2014) e *Pssica* (2015), o escritor aborda o drama de pessoas que saem do interior e tentam se adaptar ao meio urbano, bem como a maldade e a perversidade de personagens psicopatas. O escritor Jeferson Tenório, por sua vez, em seus romances *O beijo na parede* (2013) e em *Estela sem Deus* (2018), apresenta-nos a perspectiva de personagens que vivem em áreas periféricas e que lutam para sobreviver em meio às adversidades. Nas obras da escritora Ana Paula Maia, mais especificamente suas narrativas *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009), *Carvão animal* (2011), *De gados e homens* (2013) e, mais recentemente, seu *Enterre seus mortos* (2018), como o próprio título das produções da autora já sugere, encontramos uma linguagem crua, sem uso de eufemismos, e que revelam o esfacelamento do homem contemporâneo.

A propósito, ao voltarmos nosso olhar para os romances publicados a partir do início do século XXI, é possível notar que o desejo de restituição do passado e da experiência ditatorial, via discurso ficcional, vem assumindo um lugar de destaque. Desse modo, a imagem residual da ditadura militar na produção literária brasileira tem sido um tema de significativo interesse de vários escritores. A presença de memórias traumáticas, torturas, assassinatos, opressões, “desaparecimentos” e o uso desmedido do poder e da dominação são alguns elementos que compõem os fios narrativos dessas produções, cujo intuito é o de nos mostrar uma possibilidade de representação da dinâmica política, social e cultural brasileira.

Por meio de um levantamento de alguns romances publicados entre o ano 2000 até a presente data², podemos citar algumas obras que refletem, sob diferentes formas e perspectivas, os obscuros “anos de chumbo”. Entre elas, encontram-se: *Não falei* (2004), de Beatriz Bracher; *Na teia do sol* (2004), de Menalton Braff; *Amores exilados* (2011), de Godofredo de Oliveira Neto; *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre; *As rosas e a revolução* (2014), de Karina Dias; *Palavras cruzadas* (2015), de Guiomar de Grammont; *Cabo de guerra* (2016), de Ivone Benedette; e, por fim, *Depois da rua Tutoia* (2016), de Eduardo Reina.

Ao fim dessa rápida apresentação de algumas obras que abordam o tema da violência em seus enredos, há um fator que merece atenção. Na seleção das produções acima citadas, procuramos ressaltar o caráter plural da prosa de ficção contemporânea ou, colocando de outra forma, objetivamos citar livros não apenas publicados por diferentes editoras, como também selecionar autores oriundos de variadas regiões do país. Assim, se temos a nossa disposição uma literatura plural, nossas leituras igualmente devem refletir o seu traço múltiplo e descentralizador.

² As publicações levantadas são as seguintes: *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum; *Os leopardos de Kafka* (2000), de Moacyr Scliar; *Nove noites* (2002), de Bernardo Carvalho; *Não falei* (2004), de Beatriz Bracher; *Na teia do sol* (2004), de Menalton Braff; *Cinzas do norte* (2005), de Milton Hatoum; *Pernambucana* (2008), de Giovania Freitas; *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa; *K – relato de uma busca* (2011), de Bernardo Kucinski; *Amores exilados* (2011), de Godofredo de Oliveira Neto; *O casarão da rua do Rosário* (2012), de Menalton Braff; *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre; *Tempos extremos* (2014), de Miriam Leitão; *Olho do boto* (2014), de Salomão Larêdo; *As rosas e a revolução* (2014), de Karina Dias; *A resistência* (2015), de Julián Fuks; *Palavras cruzadas* (2015), de Guiomar de Grammont; *O homem e o seu tempo* (2015), de Yuri Pires; *Ainda estou aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva; *Volto na semana que vem* (2015), de Maria Regina Pilla; *Um nazista em Copacabana* (2015), de Ubiratan Muarrek; *Cabo de guerra* (2016), de Ivone Benedette; *Depois da rua Tutoia* (2016), de Eduardo Reina; *Lua de vinil* (2016), de Oscar Pillagello; e *Os visitantes* (2016), de Bernardo Kucinski.

2 Considerações finais

Ao finalizarmos a exposição de alguns caminhos para o processo de reflexão sobre a figuração da violência no atual contexto literário brasileiro, alguns pontos puderam ser verificados. Primeiramente, foi possível evidenciar que a ficção brasileira contemporânea apresenta, como uma das suas características mais marcantes, a urgência de falar sobre o real e transportar, para as páginas dos livros, os impactos de uma determinada realidade social. Além disso, observamos a importância dada ao local de fala do escritor. O estudo também destaca que a subcultura do crime e o universo do narcotráfico figuram entre os subtemas mais explorados nas narrativas contemporâneas. Por fim, os romances *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, e *O matador* (1997), de Patrícia Melo, figuram, até o presente momento, como o cânone brasileiro da temática da violência.

Além dos resultados acima expostos, não podemos deixar de assinalar o papel que a literatura possui ao representar, de forma direta ou indireta, distintas práticas de violência. Ao considerarmos a literatura como um produto de um trabalho intelectual com a linguagem e que os distintos mundos criados via discurso ficcional têm conexão com a nossa vivência, isto é, com o mundo em que transitamos, podemos perceber que a abordagem de eventos que remetem à violência possui, pelo menos, dois papéis centrais. O primeiro deles, como bem destaca Tânia Pellegrini (2008), seria o de causar um estranhamento no sujeito da recepção. Consoante a autora, longe de ser uma temática gratuita, a produção literária que explora o assunto: “não se deseja emocionar ou suscitar a contemplação, mas causar choque no leitor e excitar a argúcia do crítico, por meio de textos que penetram com vigor, mas não se deixam avaliar com facilidade” (PELLEGRINI, 2008, p. 52).

Na mesma linha de raciocínio, a pesquisadora Luana Teixeira Porto (2015) apresenta-nos uma segunda função da ficcionalização de atos violentos. Ao discutir sobre a forma e o sentido do tema no campo das artes, a autora argumenta que, em tais produções artísticas, reverbera-se uma:

[...] visão de literatura como objeto social, histórico e reflexivo e não como um produtor banal, incapaz de propor uma mudança de percepção sobre fatos ou de impulsionar uma leitura de um tempo e de um espaço

específicos. Ao contrário [...] a arte literária tem um valor social, que ao leitor cabe revelar (PORTO, 2015, p. 199).

Assim, as considerações precedentes permitem afirmar que a arte, em geral, e a literatura, em particular, ao apresentarem a violência como um de seus temas centrais, primam por proporcionar uma experiência nova ao sujeito da recepção. Desse modo, no momento em que as produções literárias retratam o desejo de anulação ou destruição do outro, além de causarem um choque no leitor e incitarem um pensamento crítico e reflexivo, essas obras não apenas direcionam a uma possível tomada de ação frente à atual realidade brasileira, como também trazem a lume uma das principais marcas da prosa de ficção contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Lisboa: Martins Fontes, 1988.
- CARUTH, Cath. **Trauma: explorations in memory**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.
- HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914 - 1991)**. Trad. Marcos Santarrita. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- REZENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Biblioteca Nacional, 2008.
- SCHOLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- PELLEGRINI, Tânia. “No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje”. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Horizonte, 2008. p. 41-56.
- PORTO, Luana Teixeira. “Postura do narrador na abordagem da violência: uma leitura de contos brasileiros contemporâneos”. In: GOMES, Gínia Maria. (Org.). **Século XXI: perspectivas para a literatura brasileira**. Frederico Westphalen: URI – Frederico Westph, 2015, p. 195-210.